

ADAPTAÇÃO DE CAFEICULTURA DE ROBUSTA-CONILLON COMO ALTERNATIVA ÀS LAVOURAS DE ARÁBICA, EM REGIÕES ALTAS E COM DEFICIT HÍDRICO, NA BAHIA.

J.B. Matiello – Eng Agr Fundação Procafé , Eduardo Vieira – Eng Agr Consultor em Cafeicultura e Joseval S.Melo-Tec Fda Lagoa do Morro-BA

As regiões tradicionais de cafeicultura de *C. arábica* no estado da Bahia são localizadas em planalto ou chapadas de altitude mais elevada, entre 700- 1200m, como ocorre no planalto de Brejões, de Vitória da Conquista e na Chapada Diamantina. A região de café robusta está localizada no extremo-Sul da Bahia, em zonas de baixa altitude.

As áreas tradicionais, de altitude elevada, favorecem o desenvolvimento de variedades arábica, pelas menores temperaturas e pelo melhor suprimento de chuvas. No entanto, em muitas dessas regiões, a condição climática, quanto ao nível das chuvas, tem sido problemática, com déficits e com carência em períodos críticos, especialmente na época da floração e granação dos frutos. Não se pode esquecer que, em certa parte, a condição de planalto é circundada por áreas de caatinga, de clima muito seco. Em função dessas dificuldades climáticas, vem ocorrendo perdas significativas de produtividade dos cafezais nessas regiões.

A opção de uso de irrigação, na maioria das áreas, não é possível, seja pela pouca disponibilidade de fontes, seja pela má qualidade da água (salobra) que poderia ser usada.

Uma alternativa nova vem sendo testada em 2 projetos na região, sendo em Utinga e em Brejões. Em Utinga e em Brejões em altitudes de 670-920 de altitude, com a introdução de pequenas áreas de lavouras do robusta-Conillon, visando superar o problema de déficit hídrico, pois sabe-se que o conillon é mais tolerante à falta d'água. Persiste, porém, a crença de que o conillon só se adapta a zonas quentes, em altitudes mais baixas.

Em Utinga, a 670 m de altitude foram implantados 3 lotes de lavouras de conillon, com condução normal nas 2 primeiras safras e, depois, pelo preço mais baixo, passou 2 anos sem bons tratos, mas agora vem sendo recuperadas. Nesse período verificou-se que as plantas apresentaram floração e produtividades normais, diante dos tratos em nível inferior, tendo produzido na fixa de 40-50 scs por ha, com boa tolerância à seca e com frutificação normal. Lavouras de arábica sem irrigação nessa mesma área praticamente não produzem.

Em Brejões, a 920 m de altitude, foram observados problemas iniciais com a formação das plantas, exatamente pela pouca chuva e pela dificuldade de molhação, uma vez que a água das represas, despejada sobre a folhagem, provoca sua queima. Também o vento frio prejudicou no início, sabendo-se que a formação da lavoura de conillon é adequada através de proteção no pós-plantio, o que ajudou bastante nessa área. No entanto, logo que as plantas formaram um bom sistema radicular e se auto-protegeram, os resultados foram surpreendentes, e o próprio produtor, antes descrente, tomou ânimo.

Com a uniformização do desenvolvimento das plantas, aos 3,5 anos de idade verificou-se um bom resultado produtivo. Na área de lavoura avaliada, num lote de 5 ha, plantado com mudas de sementes de conillon comum, no espaçamento de 4 x 1 m, foi obtida, em 2015 uma produtividade de 59,3 scs beneficiadas por ha. Além disso, o bom crescimento da ramagem e enfolhamento das plantas e o abotoamento significativo na ramagem, resultou numa boa florada, e uma produtividade de 43 scs/ha em 2016. Nessa mesma Fazenda, as produtividades normais de lavouras, de variedades arábica, em função de pouca chuva (ver tabela 1) não tem atingido, em média, mais de 8-12 scs por ha, razão pela qual muitas áreas já foram abandonadas.

Quanto ao regime de chuvas na Fazenda (tab 1) verifica-se, que, na média dos últimos 7 anos, a precipitação anual média foi de apenas 676 mm e apenas o mês de dezembro choveu pouco mais de 100 mm. Nos 2 últimos anos agrícolas, em 2014/15 e 2015/16, a chuva total foi de 677 mm e 438 mm, respectivamente, níveis bem baixos do que a média.

Tabela 1- Precipitações pluviométricas mensais, na média dos anos de 2008- 2014, e chuvas nos 2 últimos anos agrícolas 2014/15 e 15/16, na Fda Lagoa do Morro, a cerca de 920 m de alt. , em Brejões – BA, 2016.

Local, anos agrícolas e meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Total
	mm de chuva												
SEDE Fda	24	42	68	107	53	88	55	56	33	41	65	44	676
2014-15	27	-	81	89	14	123	7	39	63	104	86	44	677
2015-16	22	21	22	10	164	16	13	39	22	39	53	17	438

As observações de campo mostram que, apesar de períodos secos, as plantas de conillon sempre se mantêm com folhas verdes normais e mais enfolhadas, quando as de arábica ficam com folhas murchas amareladas e com desfolha acentuada.

Foi possível observar que, com o tempo, na medida em que as raízes dos cafeeiros conillon foram se desenvolvendo e se aprofundando, a lavoura foi se tornando mais resistente à seca e, assim, com boa produtividade, chamando a atenção, até, de representante de Empresas, que, ao visitar a área, queria saber de que tipo especial de conillon que se tratava.

Pelos bons resultados já obtidos e pelas boas perspectivas futuras, em vista da melhoria crescente da estrutura dos cafeeiros, no sistema radicular e na parte aérea, que tende a beneficiar ainda mais sua adaptação ao ambiente seco, pode-se concluir pela viabilidade do cultivo de conillon em áreas tradicionais de café arábica, de maior altitude, porem secas, no estado da Bahia. Logicamente que quanto maior for a precipitação pluviométrica tanto melhor vai ser o seu desempenho produtivo. Alguns cafeeiros que tem se destacado, pela maior resistência ao stress hídrico, estão sendo marcado, para futura reprodução.